

Escola de Linguística de Outono 2023 Rolezinho Linguístico

Olá! Bem-vindo à segunda atividade olímpica da décima segunda Escola de Linguística de Outono: o Rolezinho Linguístico!

Esta atividade é em grupo e vale 90 dos 360 pontos possíveis durante a ELO. Para esta atividade, você deverá desenvolver uma investigação empírica a partir de uma pergunta de pesquisa da Linguística.

Cada grupo tem 5 participantes, sorteados entre os participantes da ELO que confirmaram participação nesta atividade. Cada grupo trabalhará em um dos 5 campos de pesquisa possíveis para este Rolezinho: **p'istu, chícham, yuya, shakinguen, alluxa**. Cada campo tem um ou mais orientadores, dentre professores e pesquisadores de instituições públicas do ensino superior, e será trabalhado por dois grupos.

Para executar a atividade, você tem duas semanas: de 03 a 15 de abril de 2023. Para isso, você poderá contar com a ajuda e feedback de seu(s) orientador(es), bem como de toda bibliografia confiável que você tiver disponível. O calendário da atividade é o seguinte:

- *Qui, 30 mar.:* **Sorteio dos times**, anunciado no grupo dos participantes.
- *Sab, 1 abr. (12:00):* **Escolha dos capitães e dos campos** de pesquisa, por cada grupo, [neste formulário](#) e [nesta tabela](#).
- *Seg, 03 abr. (19:15):* **Reunião inicial**: Apresentação do cronograma e conversa inicial com os orientadores de cada campo.
- *Ao longo das duas semanas:* Preparação dos experimentos, coleta dos dados, análise dos dados, preparação da apresentação.
- *Ao final da segunda semana:* **Encontro com os orientadores** para análise de dados e treinamento da apresentação.
- *Sex, 14 abr.:* **Gravação da apresentação**: preparação e envio da gravação da apresentação de cada grupo.
- *Sab, 15 abril:* **Apresentação dos trabalhos** em dois turnos (*manhã, 09:00; e tarde, 14:30*): Pitch inicial, apresentação de slides e sessão de perguntas e comentários.

A primeira etapa do Rolezinho começa na quinta-feira, com a escolha dos capitães, que são os líderes de cada grupo. Sua função é coordenar o grupo e ser uma pessoa de referência para comunicação interna (com o orientador) e externa (com a equipe organizadora do Rolezinho). Especificamente nessa semana que antecede a abertura oficial da atividade, o capitão tem o dever de reunir seu grupo e responder ao formulário, até sábado, com a ordem de preferência dos campos de pesquisa.

No encontro inicial, os orientadores ajudarão a avaliar, orientar e esclarecer pontos obscuros, bem como a delimitar o objetivo específico e os métodos de coleta e análise. É importante que os grupos leiam com atenção o campo escolhido e tragam dúvidas e contribuições para a reunião. Ao final desse encontro, cada grupo deve ajustar seu próprio **Cronograma de Trabalho**, que servirá para garantir o cumprimento de todos os passos da pesquisa em um tempo adequado.

Ao longo das semanas, os orientadores ficarão disponíveis, através de um grupo de mensagens específico, para ajudar na coleta e análise, bem como assistir à apresentação previamente e ajudar a melhorá-la. Os encontros intermediários entre grupos e orientadores serão marcados em cada caso. É permitido o uso de qualquer material teórico, ficando a cargo dos estudantes providenciarem-no, caso julguem necessário.

No encontro final, a apresentação dos trabalhos será dividida em dois momentos:

- Uma **sessão virtual de apresentações**, em que cada grupo exibirá seu trabalho em dois vídeos e responderá perguntas.
 - O primeiro vídeo é um **pitch**, de até 60 segundos, que apresentará os pontos essenciais da pesquisa e convidará o público, de forma criativa, a assistir seu trabalho.
 - O segundo vídeo é uma **apresentação de slides**, de até 7 minutos, que fará uma abordagem mais completa do trabalho, com as seguintes restrições:
 - Pode-se utilizar no máximo 7 páginas de slide (introdução, teoria, pergunta/objetivos/hipóteses, metodologia, resultados, conclusão) além de 1 slide de capa, 1 slide com bibliografia essencial e 1 slide opcional de contracapa.
 - Cada slide ou cena pode ter no máximo 15 palavras de texto escrito, descontando-se preposições e conjunções. Os dados coletados e os exemplos do experimento, quando escritos, não contam para este limite. Números e símbolos matemáticos também não contam.
 - De uma forma geral, recomendamos dar preferência a esquemas visuais, imagens e gráficos, na apresentação.
 - A **sessão de perguntas e respostas**, de até 10 minutos, acontecerá logo após a exibição dos dois vídeos em sequência e contará com a presença do júri e de outros grupos.
- Uma **sessão virtual de diálogos**, em que os grupos ficarão disponíveis em diferentes canais de voz e vídeo, tirando dúvidas e debatendo comentários dos jurados, dos demais times e de outros possíveis visitantes.

Cada trabalho receberá uma pontuação, com base em quatro avaliações. As três primeiras avaliações são coletivas e a última é individual. A pontuação é atribuída da seguinte forma:

- 50 pontos de **avaliação por um júri especialista**, entre pesquisadores e alunos de pós-graduação. Cada um deles dará uma nota, seguindo a [grade de Critérios de Avaliação](#) do Rolezinho Linguístico.
- 20 pontos de **avaliação pelos outros grupos**. Cada grupo deve avaliar todos os outros trabalhos apresentados no dia, exceto o seu, seguindo os mesmos critérios do júri especialista.

- 10 pontos de **avaliação processual**. Para cada grupo, o capitão, o orientador e uma pessoa da equipe de organização do Rolezinho devem responder a um formulário sobre a atuação do grupo, seguindo a [grade de Critérios da Avaliação Processual](#).
- 10 pontos de **autoavaliação**. Cada grupo deve, ao final do processo, reunir-se e decidir conjuntamente uma nota de 0 a 10 para cada um de seus membros.

Caso a autoavaliação de um integrante do grupo seja menor do que 8, a nota final desse integrante sofrerá uma redução percentual. Caso a nota seja maior ou igual a 8, não haverá redução na nota final.

Por exemplo, um aluno que tiver obtido 6 pontos na autoavaliação e 80 pontos (nota máxima) no somatório das demais avaliações terá uma nota final de: 60% de 80 (ou seja, 48) mais os 6 pontos individuais, totalizando 54 pontos.

Os demais detalhes serão conversados com os respectivos orientadores.

Boas investigações!

“O ministério da saúde adverte: o que poderia ser dito não pode ser dito” – As estratégias de proteção da face nos anúncios publicitários de beleza e cuidados pessoais no Brasil.

“Atenção, você que está acima do peso, tome o revolucionário X que faz milagres por você”. “Se alguém reclama do seu cheiro, compre o eficaz Y, e sinta sua vida se transformar”. “Se você não gosta do seu cabelo, use o novíssimo Z e resolva seus problemas”. Esses são **anúncios** que nunca apareceriam de forma explícita nas mídias, mas que estão espalhados no *marketing* de forma camuflada. Apesar de serem frases possíveis de realização na língua portuguesa, elas não podem ser proferidas dessa maneira, porque violam o que poderia ser dito em interações empresa-consumidor e provocam risco de ‘cancelamento’. Afinal, ninguém quer ser xingado, rotulado ou coagido para ser convencido a comprar algo. Diferente da propaganda enganosa, que mente de forma deliberada, nesses casos os enunciados não podem “ir direto ao ponto”, pois desrespeitariam contratos sociais implícitos da comunicação interpessoal, resultando em expressões contorcidas, que buscam uma persuasão atenuada, disfarçada ou tangenciada, para que o produto possa ser vendido sem ofender o cliente (o que nem sempre acontece).

Esse difícil equilíbrio entre objetivos comunicacionais é o que sociólogo Erving Goffman (1967) denominou de *face* e de *território*, que são representações que o indivíduo apresenta a si mesmo e às outras pessoas, bem como os meios pelos quais o sujeito regula as impressões que os outros formam a seu respeito e as coisas que se pode ou não fazer diante dessas impressões. Posteriormente, os linguistas Penelope Brown e Stephen Levinson (1987) apropriam-se dessas formulações e elaboraram as noções de **face positiva** e de **face negativa**, que são mutuamente ameaçadas por atos de interação verbal (*Face-Threatening Act*), de modo que, ao se comunicarem, os interlocutores se colocam numa posição de desequilíbrio e vulnerabilidade das *faces*. Ou seja, uma conversa é uma “guerra fria entres faces”.

Diante disso, nesta proposta, vocês devem investigar **quais estratégias são colocadas em ação quando uma propaganda precisa destacar uma característica depreciativa do consumidor sem ameaçar suas faces?** Os passos sugeridos para o desenvolvimento desta pesquisa são:

- a. Escolher um produto da área de saúde/bem-estar que possa gerar algum constrangimento ao possuidor, seja porque o item já visa ser escondido (peruca, dentadura, lente não-corretiva); seja porque tem aplicação íntima (remédios ginecológicos, urológicos, supositórios); seja porque revelam características de seus usuários (medicamentos para micose, odores [chulé, cecê, mal hálito], piolho, caspa) seja porque geram estigmas sociais (itens para crescer, emagrecer, próteses), entre outros.
- b. Coletar o máximo de peças publicitárias/anúncios deste produto específico, em qualquer mídia, independente das empresas/marcas que comercializam, analisando a figuração (*face-work*), termo que designa tudo que uma pessoa empenha para que suas ações não façam ninguém perder a face.
- c. Questionar se são usados atos de fala diretos ou indiretos que promovam promessas, críticas, desculpas, insultos, confissões, advertências, perguntas indiscretas, ordens, ofertas, entre outros.
- d. Descrever as estratégias de proteção da face positiva e negativa, tanto da empresa como do cliente, nos anúncios. É possível fazer uma abordagem histórica mostrando práticas normalizadas no passado e rejeitadas na atualidade (ou vice-versa), revelando estratégias mitigadoras de conflito (*face-saving act*) nas propagandas.
- e. Analisar se em diferentes mídias, suportes e gêneros, as estratégias são as mesmas, evidenciando uma linha de interpretação sobre a aplicação desta teoria no contexto brasileiro, em tempos de redes sociais e interações virtuais, apresentando uma resposta para a pergunta de pesquisa. Em caso de erro comunicacional, analisar quais estratégias evitam cancelamentos.

Linguagem neutra – entre diálogos e duelos discursivos nas redes sociais

Sobre um mesmo acontecimento, duas manchetes foram produzidas: “Manifestantes ocuparam a Esplanada dos Ministérios e o Congresso Nacional no dia 8 de janeiro de 2023” e “Manifestantes golpistas invadiram a Esplanada dos Ministérios e o Congresso Nacional no dia 8 de janeiro de 2023”. Será que podemos dizer que essas sentenças produzem os mesmos efeitos de sentidos, ou seja, expressam uma mesma intenção? As pessoas que as enunciam possuem o mesmo posicionamento acerca do evento do qual se fala? Qual(is) discurso(s) está(ão) presente(s) em ambas as estruturas?

Essas são algumas perguntas que a **Análise do discurso** (AD) pode se fazer para compreender o funcionamento discursivo nas produções de linguagem. Para a AD, o discurso não é a fala ou a escrita de uma pessoa específica, mas a materialização de ideologias de classes e grupos da sociedade sempre em disputas: tanto por algo quanto para poder falar de algo. E os discursos se materializam, ganham forma, justamente, por meio das produções de linguagens (escrita, oral, imagética, gestual etc.) possíveis de emergir de uma determinada forma e não de outra em um determinado tempo e espaço.

No entanto, todo esse **funcionamento discursivo** que instaura/constrói os objetos (social, histórico, político, científico etc.) nas nossas relações sociais, não é óbvio, pois, ao sermos interpelados pela ideologia, somos alvos de dois esquecimentos: temos a ilusão de que a língua(gem) é transparente, neutra, imparcial; e a ilusão de que somos fonte do nosso próprio dizer, ou seja, que somente nós formulamos e autorizamos nossa própria fala, que fomos os primeiros a dizer o que dizemos e a pensar o que pensamos da forma como pensamos. Esses dois esquecimentos embaçam, assim, a forma como compreendemos e interpretamos as palavras, as coisas, nós mesmos e a nossa realidade, nos fazendo acreditar que o mundo a nossa volta foi “sempre assim”, como se existisse algo de “natural” em tudo isso e que existe uma “normalidade” – quando, na verdade, tudo isso é fruto de uma construção social-histórica-discursiva.

Voltemos para as sentenças iniciais. Elas são possibilidades de enunciar um mesmo acontecimento. Quem fala? Como fala? De qual lugar da sociedade fala? Com quais outras falas produz relação (paráfrases)? Quais os sentidos gerados nos diferentes modos de enunciar um mesmo acontecimento? Todas essas perguntas são pontos iniciais importantes para compreendermos diferentes discursos sobre um mesmo acontecimento. O mesmo ocorre com qualquer outro acontecimento (aquilo que aparece num determinado tempo e passa a ser sabido, repetido, esquecido, transformado, etc.).

A partir das informações e contextualizações conceituais, nosso objeto de estudo para esta proposta é a **linguagem neutra**. Vocês devem investigar: **como se dá, nas redes sociais, o funcionamento discursivo sobre o acontecimento “linguagem neutra”?** Para isso, vocês deverão escolher perfis públicos que movimentem essa questão para construir e verificar hipóteses sobre como esse funcionamento discursivo ocorre. Para a coleta e análise dos dados, sugerimos os seguintes passos:

- a. Escolher uma rede social (*Instagram, Facebook, Twitter*) e montar um *corpus* com textos orais ou escritos de perfis abertos que abordem a temática da linguagem ou do pronome neutro. Pode ser interessante delimitar os perfis segundo fatores como, por exemplo, posicionamento diante da temática, profissão ou identidade de gênero.
- b. Elencar os objetivos e as hipóteses da pesquisa com base na literatura existente.
- c. Coletar e descrever os dados relativos aos perfis e às pessoas enunciantes (Quem fala? Como fala? De qual lugar parte para dizer o que diz como diz?); ao posicionamento (Quais discursos [por exemplo, sobre o que é a língua, o que é o gênero] são ativados para sustentar o posicionamento de quem fala? Quais estruturas linguísticas são utilizadas para marcar este posicionamento?); e ao uso da linguagem neutra (Como e com qual frequência o uso do pronome neutro e da linguagem neutra aparecem na formulação do que é enunciado?).
- d. Interpretar os três grupos de dados para realizar a discussão do resultado.

Campo Yuya
(pensamento, em jaqaru)

Orientadores:
Cândido Oliveira (CEFET-MG)
Juliana Novo Gomes (UFRJ/UPORTO/UMINHO)
Lorrane Medeiros Ventura (UFRJ)
Márcio M. Leitão (UFPB/CNPQ)

Como processamos os pronomes e outras formas correferenciais?

O que torna um texto coerente e coeso? Uma das possíveis respostas são as **relações referenciais e anafóricas**. Em uma frase como “*Ontem fui à escola encontrar com Luciana, mas ela não tinha ido à aula porque Ø estava doente*”, é possível estabelecer relações referenciais, entre o nome *Luciana*, *antecedente*, e as formas de retomada anafórica: o pronome pleno *ela* e a categoria vazia antes de *estava*. São essas relações que nos fazem facilmente compreender que *a Luciana* não foi à aula e que *ela* estava *doente*. Também podemos usar o clítico *o*, como em “*Vi o Carlos e o chamei para conversar*”. E ainda o clítico *lhe* que, segundo a gramática normativa deve ser usado como objeto indireto de verbos bitransitivos, como em “*Ontem encontrei o Carlos e lhe dei o presente que tinha guardado*”. Apesar disso, em várias regiões do Brasil e contextos específicos o *lhe* é usado com verbos transitivos diretos no lugar de *ele/ela* ou do clítico *o/a*, como em “*Vi o Carlos e lhe chamei para conversar*”. Assim, no caso do *lhe*, também há o uso na segunda pessoa, como em “*Eu lhe/te amo muito, Maria*” em competição com o *te*.

A área da **Psicolinguística Experimental** que estuda esses processos mentais é o Processamento Correferencial ou Processamento Anafórico. Neste Rolezinho 2023 queremos saber: **quais fatores interferem no processamento correferencial e como eles influenciam esse processamento?** Esperamos que o tema desperte a curiosidade dos grupos!

Vocês devem usar as teorias de **processamento pronominal e correferencial**, além de suas intuições, para investigar o uso das formas pronominais e correferenciais. Vocês devem escolher um fenômeno linguístico relacionado ao processamento correferencial e montar um experimento. Para isso, vocês usarão a técnica *off-line* de Julgamento de Aceitabilidade OU a técnica *on-line* de Leitura Automonitorada. A primeira gera dados sobre a percepção dos participantes em relação à naturalidade das estruturas e a segunda registra dados de tempos de leitura de cada parte das sentenças, podendo indicar dificuldades de processamento.

Uma possibilidade é trabalhar com as formas clíticas, tentando entender que contextos ou fatores podem levar a uma forma ser mais aceita do que outra. O grupo pode, por exemplo, observar a preferência pelo *lhe* em contexto de terceira pessoa, ou em contexto de segunda pessoa, dependendo da região, da idade ou da escolaridade. A outra possibilidade é trabalhar com correferências ambíguas, como em “*João encontrou Pedro no Jantar, mas ele/Ø perdeu o apetite*” (quem perdeu o apetite?), ou com o uso do clítico ou do pronome pleno, em “*João encontrou Pedro no Jantar e Maria (o) beijou (ele) de repente*”. Ou ainda, verificar se o pronome deles se refere ao tópico (aqueles livros) ou ao sujeito (os comentários), em “*Aqueles livros, os comentários foram excelentes, por isso falei deles*”.

Para construir/executar o experimento, vocês devem seguir os seguintes passos metodológicos:

- a. Escolher um fenômeno e definir um *design* experimental para testar o processamento da correferência pronominal;
- b. O *design* experimental deve conter, além do fenômeno linguístico escolhido, a(s) variável(is) independente(s) que será(ão) manipulada(s), a técnica experimental que será utilizada, a(s) variável(is) dependente que será(ão) aferida(s) e as condições experimentais;
- c. Descrever os objetivos e as hipóteses com base na literatura e nas intuições;
- d. Montar, com nossa ajuda, os estímulos e o experimento na plataforma Pcbex Farm e depois aplicar o experimento com o maior número possível de participantes (mínimo 20 participantes);
- e. Descrever os resultados estatísticos e interpretá-los em uma análise coerente.

“Truce a Larissa para falar com vocês”: uma análise sociolinguística das marcas do português coloquial no idioleto de Larissa, participante do BBB23

Recentemente, ganhou repercussão na mídia e nas redes sociais a forma de expressão da participante do *Big Brother Brasil 2023* Larissa Santos. Diante da visibilidade esperada, Larissa passou a ser objeto de **apreciação ou depreciação midiática**, como pode ser verificado nas manchetes a seguir:

“Espray, 'remdebol', 'truce': No BBB23, Larissa tropeça na língua portuguesa e vira assunto nas redes”

“BBB 23': Larissa revela mágoa após correção por pronunciar 'menas' e 'truce'. 'Comecei a me sentir burra'”.

Para os cientistas da linguagem, é evidente que Larissa foi alvo de **preconceito linguístico**, já que recebeu avaliações negativas por causa do modo como ela fala. Isso ocorre porque a sociedade, ao menos em parte, ainda enxerga a língua como um objeto idealizado, uniforme, fechado e imutável.

No extremo oposto desse pensamento, a **sociolinguística**, que analisa a língua a partir de dados reais do uso (fala/escrita/sinal), tem demonstrado que as línguas e os dialetos são sistemas naturais, diversos, abertos e passíveis de alteração. As análises sociolinguísticas, assim, partem do registro do uso e observam os fenômenos variáveis que ocorrem em todas as línguas naturais, verificando suas variações e mudanças que ocorrem em função do tempo, espaço e estilo, podendo inclusive projetar traços do futuro dos dialetos e línguas. Uma das vocações da sociolinguística é, portanto, desfazer o mito de que há uma única forma legítima de se expressar (contida nas gramáticas tradicionais) e de que as línguas são sistemas fechados. Outra vocação é propor políticas linguísticas e educacionais livres de preconceito linguístico (decorrentes do antigo mito).

Algumas políticas já estão sendo aplicadas e o fato de o caso da Larissa ter gerado polêmica pode indicar uma possível mudança na mentalidade de pelo menos alguns setores da sociedade. Diante desse cenário, levanta-se a seguinte questão: **Como a imagem da Larissa é explorada pela mídia e avaliada na sociedade em razão de sua variedade linguística de fala?** Para responder a esta pergunta, vocês devem realizar uma netnografia ao pesquisar em jornais *on-line* e nas redes como são as estratégias para uma caracterização/valoração da “sister”. A partir dos registros públicos a respeito de Larissa, vocês podem verificar se a grande mídia apoia ou não que o preconceito linguístico contra Larissa ocorra; e verificar como o grande público seguiu reagindo ao assunto. Os seguintes passos são sugeridos:

- a. Levantar os registros em textos jornalísticos e em redes sociais que se manifestaram sobre o modo de se expressar da Larissa. Esses registros podem estar em jornais *on-line* (especialmente os da rede Globo), *Youtube*, *Twitter*, *Instagram* e *Facebook*;
- b. Fazer uma comparação quali-quantitativa sobre os registros levantados (em tabelas, nuvem de palavras, entre outros), considerando posicionamento argumentativo (combate ao preconceito linguístico vs. registros de preconceito linguístico) e perfil dos meios jornalísticos ou dos usuários de mídias sociais;
- c. Selecionar um ou mais fenômenos variáveis da fala de Larissa avaliados pejorativamente pela mídia e analisar, por meio de testes de percepção/atitude, como um público específico o(s) avalia. É possível fazer um recorte por faixa etária, estrato social, profissão, entre outros fatores extralinguísticos;
- d. Comparar os dados do teste de percepção/atitude com o panorama encontrado na internet e anotar conclusões/reflexões sobre a presença e amplitude do preconceito linguístico na sociedade brasileira.

“Pesquisando muito/horrores”: como formas tradicionais e não tradicionais de intensificar ações são percebidas e avaliadas por usuários do Português?

No português brasileiro, assim como em outras línguas, muitas são as formas de **intensificar**, isto é, de “indicar que a dimensão ou a intensidade de dado elemento ultrapassa os limites do que se concebe como relativamente normal/neutro a ele” (VIEIRA; MACHADO VIEIRA, 2008, p. 63). Uma dessas maneiras é por meio de termos utilizados para intensificar ações, como em “falei *muito*”, “comi *horrores*”, “chorei *litros*” e outros. Para entendermos melhor, vejamos alguns exemplos, os quais foram coletados no Twitter:

1. “ia falar uma coisa mas já **falei muito** sobre isso e não quero ser feiafóbica hj”
2. “Meu Deus **comi horrores** sendo q vou pra rodízio sou mto estúpido”
3. “O dia foi super pesado, **chorei litros**, mas o carinho daqueles meninos é surreal véi”

Na primeira frase acima, está em destaque um verbo (“falei”) acompanhado por um advérbio de intensidade (“muito”), enquanto nas duas sentenças seguintes, os verbos destacados (“comi” e “chorei”) são seguidos por um nome no plural (“horrores” e “litros”). Em todos os casos, o elemento que vem após o verbo está intensificando a ação (de falar, de comer, de chorar). Contudo, em (1), a forma de intensificar é tradicional, ao passo que, em (2) e (3), uma forma não tradicional foi a escolhida. Todas elas podem ser representadas da seguinte forma: Verbo_{ação} + Nome_{(plural)[intensificador]}.

A proposta de pesquisa é analisar, a partir de uma pesquisa experimental, se falantes de português interpretam formas de intensificação **tradicionais e não tradicionais**, como as supracitadas, da mesma maneira ou se eles acreditam haver um grau maior ou menor de intensificação a depender da forma acionada. Mais precisamente, a questão é: **Como usuários da língua portuguesa (variedade brasileira) percebem e avaliam formas tradicionais e não tradicionais de intensificação?** Para alcançar a resposta, orientamos os participantes a executarem os seguintes passos:

- a. Escolher uma expressão intensificadora tradicional e uma expressão intensificadora não tradicional estruturadas da seguinte forma: Verbo_{ação} + Nome_{(plural)[intensificador]};
- b. Selecionar técnica experimental (*on-line*, considerando o tempo de resposta, ou *off-line*, sem considerar o tempo de resposta);
- c. Pensar nos dados para a pesquisa: estrutura e quantidade de estímulos (frases com as expressões de intensificação; se serão criados pelos pesquisadores ou já prontos (coletados via *Twitter*, por exemplo; decidir se haverá uso de distratores etc.);
- d. Eleger o tipo de experimento (com escala Likert, por exemplo, para avaliar níveis de intensificação);
- e. Especificar quantidade e perfil dos informantes: gênero/sexo, idade, nível de escolaridade e região;
- f. Atentar para cuidados envolvidos na confecção do teste (fatores que podem influenciar na resposta): (não) identificação do informante; teste impresso ou *on-line*, entre outros;
- g. Elaborar termo de autorização de uso da resposta pelo informante (ética na pesquisa);
- h. Analisar os dados;
- i. Apresentar respostas para a pergunta de pesquisa, a partir dos dados analisados.

Referências para consulta

Campo P'ist'u

*A língua quechua é, na verdade, uma família linguística inteira, falada por diversos povos de origem comum espalhados por toda a América Andina. Com mais de 7 milhões de falantes, é o grupo predominante de línguas indígenas em todo o continente americano. Atualmente, cerca de 25% dos habitantes do Peru sabem falar alguma língua de origem quechua. Historicamente, o quechua era a língua oficial do Império Inca, que se espalhou e dominou diversos povos por toda a região dos Andes, portanto exercendo uma influência gigante na região, o que pode ser visto pela quantidade de empréstimos lexicais que o quechua transmitiu para línguas da região. Mais além, o quechua também emprestou diversas palavras para o espanhol e português. Talvez você já tenha ouvido algumas delas, como "batata", "lhama", "gaúcho", "puma" e **Khípu**.*

ATALLAH, Mariana de Castro; NOGUEIRA, Mayara de Oliveira. **Teoria da polidez e discurso cinematográfico: a propósito da (im)polidez e da construção de face em antes e depois.** Revista PERcursos Linguísticos, Vitória, v. 6, n. 12, 2016. Disponível [aqui](#).

CUNHA, Gustavo Ximenes; OLIVEIRA, Ana Larissa Adorno Marciotto. **Teorias de im/polidez linguística: revisitando o estado da arte para uma contribuição teórica sobre o tema.** Revista Estudos da Língua(gem), Vitória da Conquista, v. 18, n. 2, maio-ago. 2020, p. 135-162. Disponível [aqui](#).

LINS, Maria da Penha Pereira; MARCHEZI, Natalia Muniz. **As estratégias de polidez e a organização tópica em entrevistas impressas.** Cadernos do CNLF, vol. XIV, n. 4, t. 3, p. 2371-2392. Disponível [aqui](#).

OLIVEIRA, Ana Larissa Adorno Marciotto; CUNHA, Gustavo Ximenes. **A formação de vínculos sociais na comunicação virtual: qual a contribuição da teoria da polidez e da expressão de postura?** Revista Domínios de Linguagem, Uberlândia, vol. 17, 2023, p. 1-26. Disponível [aqui](#).

SILVA, Ananias Agostinho da. **Polidez e estratégias de preservação de face em notas de esclarecimento em vídeos de celebridades.** Revista (Con)Textos Linguísticos, v. 14, n. 27, 2020, p. 135-155. Disponível [aqui](#).

SILVA, Leonardo de Almeida e; COSTA, Wagner Alexandre dos Santos. **A elaboração de face no discurso publicitário da marca de cigarros Free.** Revista Philologus, ano 23, n. 67, Supl.: Anais do IXI SINEFIL. Rio de Janeiro: CiFEFiL, jan./abr. 2017, p. 167-191. Disponível [aqui](#).

Campo Chícham

*A língua shuar é uma língua da família **Aents Chicham** (ou jivaroana) falada em regiões ao sul e sudeste do Equador. Com 80.000 falantes registrados, é uma das línguas mais faladas por toda a extensão da Bacia Amazônica. Historicamente, esse povo resistiu a diversas tentativas de dominação por parte dos incas e dos espanhóis, porém resistiram e assimilaram alguns aspectos desses povos, o que é refletido no grande número de empréstimos estrangeiros que a língua apresenta. O povo shuar é conhecido pela prática dos rituais **tsantas**, que consistem no encolhimento da cabeça de inimigos mortos para serem apresentadas como troféus. A palavra escolhida para o campo, **chícham**, tem grande importância e amplitude na língua shuar, podendo significar "palavra", "ideia", "discurso" e "fala".*

FERNANDES, Alan Tocatis. **O que é Análise do Discurso? Como pode ser usada? E o que a difere de uma análise gramatical?** Revista Roseta, v. 3, n.1, 2020. Disponível [aqui](#).

GOMES, Robert Moura Sena. **Afinal, qual a diferença entre Linguagem Neutra e Linguagem Inclusiva de Gênero?** Revista Roseta, v.5, n. 2, 2022. Disponível [aqui](#).

GOMES, Robert Moura Sena. **Por uma linguística (mais) popular: a construção do gênero neutro como dissidência linguística.** Dissertação de mestrado, UFSCar, 2022, 228 p. Disponível [aqui](#).

LIMA, Eric Felipe; TEOTÔNIO, Isabelle. **Reflexões a partir do "Dicionário de Gêneros": violência simbólica e fóbica.** Revista Roseta, v. 5, n. 2, 2022. Disponível [aqui](#).

MOURA, Jonathan Ribeiro Farias de. **Língua(gem) e gênero neutro: uma perspectiva discursiva no português brasileiro.** In: Língua e Instrumentos Linguísticos. Campinas, SP, v.24, n.47, p.146-163, 2021. Disponível [aqui](#).

GRUPO GEADA. **Análise do discurso com Michel Foucault.** Playlist com os ep. 01, 02 e 03. Disponível [aqui](#).

Campo Yuya

A língua jaqaru é uma língua da família aimaraica falada pelo povo Jaqaru, que vive nos distritos de Tupe e Catahuai, na província de Yauyos, a sudeste de Lima, capital do Peru. Era falada de maneira muito mais ampla, porém seus falantes foram se isolando cada vez mais, como forma de defesa contra invasões dos incas e dos espanhóis nessas regiões. Atualmente, conta com apenas cerca de 740 falantes nativos. Nessa língua, a declinação das palavras varia de 10 maneiras diferentes, de acordo com diferentes combinações entre sujeito e objeto.

ARAÚJO, F., Carvalho, H.. **TE e LHE como clíticos acusativos de 2ª pessoa em cartas pessoais cearenses.** *LaborHistórico*, 1(1), 2016, 62–80. Disponível [aqui](#).

LEITÃO, M. (2008). **Psicolinguística Experimental: Focalizando o processamento da linguagem.** In: M. Martelotta (Org.). *Manual de Linguística*. São Paulo: Contexto, 2018, p. 333–367. Disponível [aqui](#).

MAIA, M. (Ed.). **Psicolinguística, psicolinguísticas: uma introdução.** São Paulo: Contexto, 2015.

MAIA, M. (Ed.). **Apresentação.** *Revista Linguística*, 8(2), 2015. Disponível [aqui](#).

OLIVEIRA, C.; SÁ, T. **Métodos off-line em psicolinguística: julgamento de aceitabilidade.** *Revele: Revista Virtual dos Estudantes de Letras*, 5, 2013, p. 77–96. Disponível [aqui](#).

OLIVEIRA, C.; MACHADO-ROCHA, R. **The acceptability of clitic and tonic accusative 3rd person pronouns in written Brazilian Portuguese.** *Revista Diadorim: revista de estudos linguísticos e literários*, 19(Especial), 2017, p. 197–218.

OLIVEIRA, C.; SÁ, T. (Eds.). **Métodos experimentais em psicolinguística.** São Paulo: Pá de Palavra, Editora Parábola, 2022. Disponível [aqui](#).

Campo Shakinguen

A língua mapudungun é uma língua isolada falada pelos mapuches, povo que habita a região centro-sul do Chile e da Argentina, especialmente na região da Araucanía, no Chile. Segundo os últimos censos, há cerca de 2 milhões de pessoas que se identificam com o povo mapuche, sendo que apenas cerca de 10% dessas pessoas falam mapudungun, e outros 10% conseguem compreender, mas não o falam nativamente. É dessa língua que surgiu a palavra "poncho", uma vestimenta tradicional muito comum na América Andina.

BAGNO, Marcos. **Preconceito Linguístico.** O que é e como se faz. Edições Loyola, São Paulo, 2007.

SCHERRE, Maria Marta Pereira. **Doa-se lindos filhotes de poodle, variação linguística, mídia e preconceito.** Parábola, São Paulo, 2006.

SOARES, Samara Souza Diniz; STENGER, Márcia. **Netnografia e a pesquisa científica na internet.** *Psicologia USP*, São Paulo, fev. 2021, vol. 32, pág. 1–11. Disponível [aqui](#).

Campo Alluxa

A língua aymara é a língua que dá nome a sua família linguística, a família aimaraica. É falada pelo povo Aymara, que habita regiões de grande altitude na Bolívia, Peru e Chile. Com cerca de 1,7 milhão de falantes nativos, é uma das línguas nativas mais faladas no continente americano. Apesar de utilizar uma escrita baseada no alfabeto latino, houve tentativas de criar novos sistemas de escrita para a língua baseando-se na escrita coreana e nos silabários aborígenes do Canadá. No aymara, a concepção metafórica do tempo é diferente daquela das línguas indo-europeias: o passado é representado como estando à nossa frente, uma vez que ele nos é conhecido, enquanto o futuro é o que está atrás de nós, já que não o enxergamos, conhecemos.

MOTA, Nahendi Almeida; NUNES, Letícia Freitas; MACHADO VIEIRA, Marcia dos Santos. **Você vai ficar roxo de surpresa ao descobrir como intensificamos horrores.** *Roseta*, 2021. Disponível [aqui](#).

PENHA, Jeane Nunes da; TRAVASSOS, Pâmela Fagundes; TEIXEIRA, Ravena Beatriz de Sousa. **A Pesquisa Experimental na Análise de Construções com Verbo Suporte.** In: *Predicar: Uma Rede de Perspectivas Metodológicas*. São Paulo: Blucher, 2022, p. 161–174. Disponível [aqui](#).

VIEIRA, Silvia Rodrigues; MACHADO VIEIRA, Marcia dos Santos. **A expressão de grau: para além da morfologia.** *Cadernos de Letras da UFF*, v. 1, p. 63–83, 2008.